

● ENTREVISTA

Circo pode ser “agente de mudança”

CIRCENSE, FORMADA NO CHAPITÔ, DÁ PRIMEIRO WORKSHOP DE PINOS NA MADEIRA AMANHÃ

ERICA FRANCO
efranco@dnoticias.pt

Qual o motivo que a traz à Madeira? É a primeira vez que está cá em trabalho? Não, eu já trabalhei cá na Madeira e, numa dessas vindas, conheci o meu namorado, que é de cá. Sou de Lisboa, trabalho no Porto e namoro na Madeira (...). Então, o melhor amigo e personal trainer do meu namorado – que é o Tiago Sousa – da Box Lab, convidou-me para dar um workshop de pinos, de forma a divulgar o meu trabalho e um dia, quem sabe, poder vir para cá.

Quando perguntam o que é que faz e tem de explicar que ensina a fazer pinos, qual é que a reacção das pessoas? Normalmente digo apenas que sou artista de circo, mas depois as pessoas querem saber mais e quando digo que “faço pinos” a reacção é normalmente de surpresa. Acham sempre que é interessante e perguntam-me como é que eu consigo viver disto e é engraçado.

Como é “viver disto”? Lembra-se como é que tudo começou? Comecei por fazer ginástica rítmica com seis anos, mas depois vi o Cirque du Soleil pela primeira vez, quando tinha nove. Foi um espectáculo que se chamava ‘Saltimbanco’ e lembro-me perfeitamente, no regresso, de estar no carro com a minha mãe e dizer: “Eu quero fazer circo”. Claro que na altura ela disse logo “sim, sim”, mas foi quando eu entrei para o Chapitô aos 15 anos que os meus pais perceberam realmente que isto era a sério.

Ao início foi um choque de realidade, especialmente porque eu saí de uma escola católica, mas por outro lado tenho a certeza que [o Chapitô] foi a escola da minha vida. Foi onde eu cresci e amadureci como pessoa,

sem sombra de dúvida (...). Eu fiz o Chapitô dos 15 aos 18, depois entrei na SALTO - International Circus School, na Maia. Entretanto, fiz um ano de pausa, porque estava a decidir se ia estudar para fora ou não, mas resolvi ficar. Acho que o circo em Portugal precisa de crescer e eu quero ter esse papel de mudar a mentalidade das pessoas.

(...) Fiz agora um espectáculo no Chapitô que foi super emocionante e importante para mim, porque levei a minha família toda. A minha família é conservadora e foram os que ficaram mais chocados quando eu disse que ia para o circo. Costumo dizer que sou a ovelha negra da família [risos] e levei-os lá precisamente para mudar esta mentalidade. Para verem que os espectáculos podem fazer as pessoas sentirem-se melhor e que isso é uma coisa importante (...). Também há outro problema: Na nossa cultura as pessoas não vêem muitos espectáculos. Não saem de casa para ir circo.

O que é que as pessoas pensam quando se fala de circo em Portugal? Que é uma profissão muito precária...

E é? Sim, é. Mas acho que está a crescer, está a mudar e eu quero muito ter um papel nesse sentido. Estou farta de receber comentários do género “fazes circo?” Sim, faço circo e a minha profissão pode e deve ser valorizada, tanto quanto outra profissão qualquer.

[O circo] pode ser um agente de mudança, pode mudar mentalidades e entretém as pessoas. Portanto, não sei porque é que ainda há este estigma.

Ainda há muita gente que pensa que eu faço circo de tenda – que também deve ser altamente valorizado – não sabem que há todo um mundo além disso e eu quero instigar as pessoas a saírem mais de casa e verem outras coisas (...). Tenho um projecto de circo com o Daniel Seabra – o ‘Circo Caótico’ – que gostava muito de trazer aqui para a Madeira. A nossa companhia tem um trabalho diferente de tudo o que há.

É difícil assumir este tipo de vida, mais ‘nómada’, sem horários fixos ou tem as suas vantagens? Antes eu pensava imenso nisso. É perfeito, não vou ter rotinas, não vou estar no escritório sentada todos os dias. Adorava essa ideia. Agora que tenho esta vida, às vezes é complicado, mas também é ótimo porque não estou presa a nada e consigo fazer tudo. Tenho os meus trabalhos, os meus espectáculos são super espaçados e consigo conciliar a minha vida pessoal e profissional e até consigo vir à Madeira visitar o meu namorado. Sinto que tenho a minha vida sempre em malas.

Daqui a 10 anos vê-se a fazer o mesmo? Entre fazer espectáculos e dar aulas ou workshops de pinos, sim, sem dúvida. Se não for isso não sei o que vou fazer [risos]!

Porquê pinos e não outra coisa qualquer? É engraçado, porque já quando andava na ginástica artística sempre tive um fascínio por acrobacia e pinos, só que como eu adorava a minha treinadora nunca tive coragem de sair. Depois ganhei um bocado de medo pela ginástica acrobática, com aqueles mortais todos, mas os pinos sempre

Mafalda Gonçalves, artista de circo



“O CIRCO EM PORTUGAL PRECISA DE CRESCER E QUERO TER ESSE PAPEL DE MUDAR MENTALIDADES”

me atraíram e, então, quando chegava a casa treinava sozinha e foi assim que aprendi a fazer.

É difícil fazer pinos? É difícil começar. É muito frustrante no início – nós aguentamos dois segundos no ar e é uma vitória, depois tentamos repetir e já só aguentamos um – mas a partir do momento em que se aprende a fazer o pino (a ter o controlo do corpo e tudo mais) nunca mais se esquece.

Como é que é a tua rotina de treino? Eu agora estou com espectáculos e entre espectáculos não treino muito, na eventualidade de sofrer alguma lesão. Na altura dos ensaios também não, mas quando comecei a fazer pinos treinava quatro horas de manhã e à tarde mais três. Portanto, cerca de sete horas por dia, mas prometo que não é preciso treinar tanto para aprender a fazer o pino.

É possível aprender numa única sessão? Sim, pelo menos para ficar com uma ideia. Claro que depois passamos vários exercícios para

as pessoas poderem continuar a treinar sozinhas.

O que é podemos esperar concretamente deste workshop? Acima de tudo quero que as pessoas se divirtam. Há pessoas que não sabem fazer o pino de todo, há pessoas que fazem alguma coisa, mas o workshop é para toda a gente, para os que sabem fazer, para os que não sabem, para os que querem aprender a andar (...). Quando comecei tive um treinador, mas ele não sabia fazer pinos, explicava-me a teoria e eu sentia falta de ter [esse acompanhamento]. Então, pensei: “É isso que quero passar às pessoas”. Eu sei as técnicas todas, o que é que têm de fazer com as mãos, com os pés, etc. Faz toda a diferença.

Este workshop vai ter apenas uma sessão ou é para continuar? Para já, vamos começar com uma sessão, que se será de duas horas, das 18 às 20, no dia 25 de Novembro (sexta-feira), na Box Lab, no Funchal. A ideia é as pessoas ficarem com o ‘bichinho’ para terem mais sessões, mas quero, acima de tudo, que esta primeira corra bem e se vier a próxima tanto melhor.

O que é que diria para convencer as pessoas a experimentar? Venha porque vai divertir-se, vai ganhar uma consciência corporal que num treino de ginásio normal não tem e vai aprender a fazer uma coisa nova.

Mafalda Gonçalves tem 23 anos, é natural de Lisboa e soube desde cedo que queria fazer do circo a sua vida. FOTO MIGUEL ESPADA/ ASPRESS